

**HUMOR E TEXTUALIDADE**

Claudia Moura da Rocha (UERJ)  
[claudiamoura@infolink.com.br](mailto:claudiamoura@infolink.com.br)

No contexto educacional moderno, o texto de humor tem conquistado um lugar de destaque nas aulas de Língua Portuguesa. Charges, histórias em quadrinhos, piadas são constantemente empregadas por professores, sendo facilmente encontradas em livros didáticos de Língua Portuguesa. Faz-se, portanto, necessário estudar os aspectos da textualidade que caracterizam o texto de humor com o intuito de contribuir para a melhoria do ensino de língua materna.

Antes de iniciar nosso estudo, seria interessante compararmos algumas definições da palavra *texto*. Segundo os dicionários, texto é um “conjunto de palavras, de frases escritas (...) excerto de língua escrita ou falada, de qualquer extensão, que constitui um todo unificado” (Ferreira, 1999); “conjunto das palavras de um autor, em livro, folheto, documento etc. (p. opos. a comentários, aditamentos, sumário, tradução etc.); redação original de qualquer obra escrita” (Houaiss & Villar, 2001). Notamos, ao considerarmos estas definições, que a noção de texto está associada à ideia de conjunto de palavras e frases produzido por um autor. Há uma referência a “um todo unificado”, o que nos remete à concepção atual de *texto*, que o considera um todo constituído de sentido. Também é oportuno investigar a etimologia do termo. *Texto* é um vocábulo de origem latina (*textum* –i), que significava “entrelaçamento, tecido” e “contextura (duma obra)” (Cunha, 2007), o que nos permite pensar que o texto é um entrelaçamento de palavras e frases, um tecido produzido de palavras e frases.

No entanto, sabemos que um conjunto de palavras e frases por si só não basta para que tenhamos um texto. O que faz um texto ser um texto? Que características o distinguem de um amontoado de palavras ou frases? Nossa experiência como leitores nos permite perceber que todo texto procura veicular um sentido (às vezes, mais de um) e precisa ser coerente. Também sabemos que, ao ler e interpretar um texto, devemos considerar a finalidade com que esse texto foi escrito, que pode ser a de lembrar uma pessoa o que ela precisa com-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

prar (uma lista de compras) ou a de persuadir alguém de que nossa opinião é a mais correta (um texto argumentativo, como o editorial de um jornal, por exemplo). Como leitores, estamos cientes de que, para que a compreensão se dê a contento, as partes de um texto devem se articular com partes anteriores e posteriores, havendo elementos responsáveis por fazer essa “ligação”.

A partir de 1960, a Linguística Textual, corrente teórica que se desenvolveu na Europa, toma como seu objeto de investigação não mais palavras e frases isoladas, mas o texto, conferindo-lhe um papel de destaque. O texto é, para a Linguística Textual, “a forma específica de manifestação da linguagem” (Fávero & Koch, 1994, p. 11). Ou melhor, o texto é o produto concreto do processo comunicativo, é a própria materialização da linguagem.

Podemos considerar texto, em sentido *lato*, “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (...) isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos” (Fávero & Koch, 1994, p. 25), o que permite considerar uma música, um filme, uma fotografia, uma escultura, como exemplos de texto. Em sentido estrito, texto é “qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão” (Fávero & Koch, 1994, p. 25). Neste sentido, o texto é considerado a manifestação linguística do discurso (Fávero & Koch, 1994, p. 25).

Numa concepção de língua como lugar de interação (não vista apenas como representação do pensamento ou como código a ser decifrado), “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que — dialogicamente — nele se constroem e são construídos” (Koch, 2002, p. 17).

Baseando-se nesta nova forma de enxergar o texto, surge uma outra maneira de entender a produção de sentido do texto. Se antes o sentido de um texto (que na maioria das vezes era único, usando-se a palavra *sentido* no singular) pertencia ao autor, a partir dessa concepção, o sentido (ou os sentidos, pois um texto pode ser plurissignificativo) passa a ser fruto da interação autor-texto-leitor. “O sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não algo que preexistia a essa interação” (Koch, 2002, p. 17). Se o sentido não pertence apenas ao produtor do texto, mas também é fruto do trabalho de leitura do leitor, outros fa-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

tores também devem ser levados em consideração na hora de ler e compreender um texto. O sentido não é apreendido apenas do que está inscrito na superfície textual, mas pode decorrer de elementos que estão subentendidos ou devem ser inferidos, e o contexto também precisa ser considerado para que haja compreensão satisfatória. Estas concepções (o texto como lugar de interação entre autor e leitor e o sentido como fruto dessa interação) servirão como alicerces de nossa análise.

Retomando algumas indagações iniciais: o que faz um texto ser um texto? Que características o distinguem de um amontoado de palavras ou frases? O que nos autorizaria a classificar um texto como tal? A textualidade. Por textualidade, entende-se “o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas um amontoado de frases” (Valente, 2002, p. 178), ou seja, o conjunto de aspectos que conferem a um texto o seu *status* de texto. Beaugrande & Dressler (*apud* Valente, 2002, p. 179) apresentam sete princípios da textualidade: a *coerência*, a *coesão*, a *aceitabilidade*, a *informatividade*, a *intencionalidade*, a *intertextualidade* e a *situacionalidade*. Analisaremos, pois, dois desses princípios: a *coerência* e a *coesão*.

A *coerência* nos permitiria reconhecer um texto como tal. Se não pudermos considerar uma sequência linguística coerente, ela não seria um texto. Segundo Koch & Travaglia, “é a coerência que dá textura ou textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto” (1995, p. 45). Ainda segundo Koch, a coerência se relaciona ao “modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. (2002, p. 17). Considerando essas concepções, poderíamos dizer que um texto coerente seria aquele a que se poderia atribuir, a partir da interação autor-texto-leitor, um ou mais sentidos.

E o texto de humor poderia ser considerado um texto coerente? Seria possível atribuir um (ou mais de um) sentido a este tipo de texto? Sabe-se que, muitas vezes, um texto de humor é engraçado por apresentar incoerências, como um desfecho insólito, uma respos-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

ta não esperada, ou mesmo atitudes incoerentes de seus personagens. Ou seja, também a quebra da expectativa pode produzir o riso. Ao considerarmos determinadas respostas dos personagens que aparecem numa piada, por exemplo, elas podem não fazer sentido, por serem incoerentes. Mas isso comprometeria a coerência desse texto? Tomemos como exemplo uma piada em que a resposta de um dos personagens não é a esperada, não respeitando o Princípio da Cooperação que, segundo Grice, seria um princípio básico da comunicação humana: quando duas pessoas se comunicam, elas se propõem a cooperar para que a interação verbal se dê de forma adequada (Koch, 2001, p. 27).

### *MAMÃE MORREU*

*Dois amigos se encontram numa cidade do Oriente Médio. Um deles está **cabisbaixo**. O primeiro pergunta:*

*— O que aconteceu?*

*— Minha mãe **morreu**. Fiquei muito **triste**.*

*— Que pena! Meus pêsames. Mas o que ela **tinha**?*

*— Muito pouco, infelizmente: um apartamento, dois terrenos, um dinheirinho no banco... (Aviz, 2003, p. 66)*

Aguardava-se do filho, pela presença das palavras destacadas (*cabisbaixo, morreu, triste*), uma resposta diferente: a princípio, esperava-se que ele dissesse de que doença sua mãe padecia e que a levou à morte. No entanto, não é essa a resposta dada pelo personagem. O que diz, aparentemente incoerente, absurdo, tomando-se em conta a sua situação, nos faz rir, pois nos lembramos de todos os personagens sovinas que aparecem nas piadas. Como alguém passando por momento tão doloroso poderia pensar em bens materiais? É a quebra de nossa expectativa (sobre como deve agir alguém que perdeu um ente querido) que nos faz rir, pois a atitude do personagem não condiz com o que se esperaria dele. Sua resposta à pergunta do amigo é incoerente, pois não respeita o Princípio da Cooperação; provavelmente, ao perguntar, o amigo se referira à doença que a mãe tinha e não aos bens materiais que possuía. Portanto, o personagem do filho não cooperou, não respondendo devidamente o que lhe foi perguntado. É evidente que tal confusão só é possível devido à polissemia do verbo *ter*, que permite ao personagem responder desta maneira. Se o amigo perguntasse “Do que ela sofria?”, não lhe seria

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

permitido responder da mesma forma. Como se trata de uma piada, também seria possível aventar a hipótese de que o amigo também se referira aos bens possuídos pela falecida (*Mas o que ela tinha?*), mas essa não seria a leitura mais comum.

Embora a incoerência comprometa o sentido de outros tipos de texto, não afeta da mesma maneira os textos de humor. Ao contrário, em alguns casos, é uma de suas características mais relevantes. Na verdade, o texto de humor pode ser aparentemente incoerente, pois essa incoerência colabora para o projeto do texto, para a construção do(s) seu(s) sentido(s). A resposta do filho configura uma incoerência local, que não afeta a coerência global do texto. Apesar de a resposta dada não ser a comumente esperada, isso não inviabiliza a compreensão por parte do leitor/ouvinte da piada, que, por conta do Princípio da Cooperação, buscará atribuir um sentido ao texto, considerando a incoerência proposital. Koch assevera, a respeito do que disse Charolles, que “o receptor pode entender que o produtor fez o texto incoerente com um propósito e considera que a não coerência é que lhe dá sentido” (Koch & Travaglia, 1995, p. 49). Neste caso, o leitor/ouvinte atribui à resposta incoerente um sentido, pois ela seria típica de um personagem pão-duro, sovina, reforçando um estereótipo, característica muito presente em piadas. O leitor/ouvinte interpreta a resposta incoerente como parte do projeto de sentido do texto.

Outro fator responsável pela textualidade é a *coesão textual*. Por *coesão*, entende-se “a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual” (Koch & Travaglia, 1995, p. 40). Segundo Halliday & Hasan (*apud* Koch, 1993, p. 17), “a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação”. Para Antunes (2005, p. 48), “a função da coesão é exatamente a de promover a *continuidade do texto*, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade”. Os elementos responsáveis pela coesão são identificáveis na superfície textual, servindo para “ligar”, relacionar as partes de um texto, a fim de manter sua unidade de sentido.

Segundo Koch e Travaglia (1995, p. 40-41), há dois tipos de *coesão*: a *referencial* (ou *referenciação*) e a *sequencial* (ou *sequenciação*).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

A coesão referencial se refere a dois ou mais elementos da superfície textual que se relacionam a um mesmo referente, sendo obtida por dois mecanismos básicos: a *substituição* e a *reiteração*. Na *substituição*, um elemento da superfície textual ou é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma pró-forma (que pode ser um pronome, um verbo, um advérbio, por exemplo). A elipse também é considerada uma substituição — neste caso, por zero (Ø). Na *reiteração*, há a ocorrência de sinônimos, de hiperônimos, de nomes genéricos, de expressões nominais definidas, de repetição do mesmo item lexical, de nominalizações (Koch & Travaglia, 1995, p. 41).

A seguir, apresentamos um exemplo de texto de humor (neste caso específico, uma piada) em que os elementos coesivos desempenham, além da já esperada função de relacionar termos presentes na superfície textual, a de provocar a ambiguidade. Esta ambiguidade é a responsável pela graça do texto:

Aquele padre havia sido nomeado recentemente para a paróquia. Instalou-se na casa paroquial que lhe estava destinada e, imediatamente, a velha governanta veio se queixar dos problemas que a casa tinha.

“*Seu* teto está com goteiras, padre. *Seu* fogão está velhíssimo e *sua* geladeira não funciona. *Sua* televisão está sem som... e por aí afora.”

“Minha filha”, respondeu o padre, “esta casa não é só *minha*, é sua também, na verdade é de todos os *nostros* paroquianos... Por que você não diz “*nosso* teto”, “*nostra* televisão”?”

Passaram-se algumas semanas, e um dia o bispo veio visitar o padre. Estavam os dois conversando muito sossegados, quando a governanta entra de repente na sala e declara:

“Padre, tem um rato no *nosso* quarto, debaixo de *nostra* cama.”

(P. C., *Revista Seleções Reader's Digest*, julho de 1989)

Na piada em questão, a ambiguidade decorre do emprego dos pronomes possessivos, que funcionam como formas remissivas não referenciais (Koch, 1993, p. 33). Uma forma remissiva não referencial não fornece ao leitor/ouvinte uma instrução de sentido, mas uma instrução de conexão com algum elemento já referido no texto. Neste texto, quando o padre aconselha a governanta a não se referir à casa e a seus aposentos, nem aos objetos ali presentes como sendo seus (do padre apenas), o que pretendia é que ela se referisse aos bens como sendo pertencentes a ele e a todos os paroquianos (os pronome

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

mes possessivos *nosso, nossa, nossos, nossas* desempenham adequadamente este papel). Entretanto, o padre e a governanta parecem desconhecer uma outra possibilidade de sentido que este pronome e suas flexões apresentam: *nosso, nossa, nossos, nossas* podem estar se referindo ao padre e à governanta apenas, o que sugeriria um envolvimento amoroso entre os dois, causando um grande mal-entendido na presença do bispo.

Entre os textos de humor, as tirinhas, as histórias em quadrinhos, as charges e os cartuns têm boa aceitação nas aulas de Língua Portuguesa, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores. Recorrentes em livros didáticos, oferecem também subsídios para o estudo dos aspectos da textualidade. No cartum de Bruno Drummond, dois personagens conversam sobre o Dia dos Namorados. O primeiro aborda o apelo consumista da data: esta seria mais uma oportunidade de estimular, segundo ele, um consumismo vazio a que ele se recusa a aderir. A resposta do segundo personagem leva o leitor a crer que ele também já tenha sido contrário ao apelo consumista que é estimulado em datas como aquela (“Eu te entendo cara, já fui assim...”). Isto é possível porque o termo *assim* também funciona como uma forma remissiva não referencial, podendo remeter anafórica ou cataforicamente para porções maiores de texto (predicados, orações, enunciados inteiros) (Koch, 1993, p. 43). Neste caso, *assim* substitui o período “Eu me recuso a participar desse consumismo vazio!”. O primeiro interlocutor pede um esclarecimento sobre o emprego do termo (“*Assim* como?”); no texto, *assim* aparece em negrito, confirmando sua relevância para a compreensão do cartum e para a produção do riso), recebendo uma resposta que, a princípio, não é coerente (“Solitário.”). No entanto, para a surpresa do leitor, a resposta “incoerente” ajuda a estabelecer um possível sentido para o texto: pessoas que costumam reclamar do apelo comercial de datas como o Dia dos Namorados, na verdade, são solitárias, reclamam porque não têm uma companhia. O estudo da coerência e da coesão ajuda a compreender melhor como se processa a construção do sentido deste texto: o emprego do elemento coesivo *assim* foi fundamental para tornar o texto engraçado, pois se percebe uma mudança de rumo na interpretação do que o personagem disse (primeiro, o leitor é levado a acreditar que o personagem também já fora contrário ao consumismo va-

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

zio provocado pela data; depois se percebe que ele teve a intenção de dizer que já fora solitário também).

### Gente fina ■ Por Bruno Drummond



O Globo, 12/06/2005

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Outro mecanismo de coesão, a *sequenciação* (ou *coesão sequencial*) se manifesta por meio de procedimentos linguísticos que ajudam a estabelecer diferentes tipos de relações de ordem semântica e/ou pragmática entre as partes de um texto à medida que este se desenvolve. A progressão do texto pode ocorrer com a presença ou não de elementos recorrentes. Em decorrência disso, a *coesão sequencial* pode ser classificada como *frástica*, quando não há recorrência de elementos, ou *parafrástica*, quando há recorrência de elementos (Koch, 1993, p. 49).

Observemos este anúncio publicitário, em que constatamos a presença de um mecanismo de *coesão sequencial frástica*:



<http://www.mppublicidade.com.br/site/index.php?target=trabalho&tipo=cli&cli=14&pagina=2>.  
Acesso em 04/07/2009.

Entre os procedimentos de *coesão sequencial frástica*, a *manutenção temática*, obtida pelo emprego de termos pertencentes a um mesmo campo lexical (Koch, 1993, p. 57), é um aspecto frequente em textos de humor, como percebemos no anúncio analisado. Notamos a presença dos vocábulos e expressões *vírus*, *vitamina C* e *limão*, que remetem ao mesmo campo lexical (série de palavras que têm entre si certo tipo de relação semântica; cf. Houaiss & Villar, 2001, p. 589): *vitamina C* e *limão* são popularmente conhecidos como remédios indicados no combate a *vírus*. Entretanto, o humor deste anúncio publicitário não reside apenas na aproximação de palavras do mesmo campo lexical, mas no fato de associarmos dois eixos temáticos diferentes num mesmo texto: o das frutas e seus benefícios à saúde (*vitamina C* e *limão* fortalecem o organismo contra *vírus*) e o dos filmes de ação (a introdução *A Hortifruti apresenta* nos remete à

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

maneira como são apresentados os filmes pelos estúdios de cinema; *Limão impossível 3* é uma paródia do título do filme *Missão impossível 3*, estrelado pelo ator Tom Cruise, calcada na semelhança sonora entre os vocábulos *limão* e *missão*; *Um vírus letal* faz referência ao fato de que, em um dos filmes da série *Missão impossível*, o personagem principal procurava evitar que um vírus mortal contaminasse a população; *Só a vitamina C pode detê-lo* coloca o limão, que é rico nesta vitamina, na condição de herói). Para compreender o anúncio e atribuir-lhe sentido, é necessário estabelecer uma analogia entre os dois eixos temáticos (cf. Antunes, 2005, p. 131-132). É interessante ressaltar que o anúncio resulta cômico pelo fato de o leitor perceber que o herói deste filme de ação é um simples limão.

No texto de Stanislaw Ponte Preta, a presença de vocábulos pertencentes ao mesmo campo lexical garante, além da manutenção do tema do texto e da sua continuidade de sentido, a graça da história:

### **A Vontade do Falecido**

*Seu Irineu Boaventura não era tão bem-aventurado assim, pois sua saúde não era lá para que se diga. Pelo contrário, seu Irineu ultimamente já tava até curvando a espinha, tendo merecido, por parte de vizinhos mais irreverentes, o significativo apelido de “Pé-na-Cova”. Se digo significativo é porque seu Irineu Boaventura realmente já dava a impressão de que, muito brevemente, iria **comer capim pela raiz**, isto é, iam plantar ele e botar um jardinzinho por cima.*

*Se havia expectativa em torno do **passamento** do seu Irineu? Havia sim. O velho tinha os seus guardados. Não eram bens imóveis, pois seu Irineu conhecia de sobra Altamirando, seu sobrinho, e sabia que, se comprasse terreno, o nefando parente se instalaria nele sem a menor cerimônia. De mais a mais, o velho era antigão: não comprava o que não precisava e nem dava dinheiro por papel pintado. Dessa forma, não possuía bens imóveis, nem ações, debêntures e outras bossas. A erva dele era viva. Tudo guardado em pacotinhos, num cofrão verde que ele tinha no escritório.*

*Nessa erva é que a parentada botava olho grande, com os mais afoitos entregando-se ao feio vício do puxa-saquismo, principalmente depois que o velho começou a ficar com aquela cor de uma **bonita tonalidade cadavérica**. O sobrinho, embora mais mau-caráter do que o resto da família, foi o que teve a atitude mais leal, porque, numa tarde em que seu Irineu tossia muito, perguntou assim de supetão:*

*— Titio, se o senhor **puser o bloco na rua**, pra quem é que fica o seu dinheiro, hem?*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

*O velho, engasgado de ódio, chegou a perder a tonalidade cadavérica e ficar levemente ruborizado, respondendo com voz rouca:*

*— Na hora em que eu morrer, você vai ver, seu cretino.*

*Alguns dias depois, deu-se o evento. Seu Irineu pisou no prego e esvaziou. Apanhou um resfriado, do resfriado passou à pneumonia, da pneumonia passou ao estado de coma e do estado de coma não passou mais. Levou pau e foi reprovado. Um médico do SAMDU, muito a contragosto, compareceu ao local e deu o atestado de óbito.*

*— Bota titio na mesa da sala de visitas — aconselhou Altamirando; e começou o velório. Tudo que era parente com razoáveis esperanças de herança foi velar o morto. Mesmo parentes desesperançosos compareceram ao ato fúnebre, porque estas coisas vocês sabem como são: velho rico, solteirão, rende sempre um dinheirão. Horas antes do enterro, abriram o cofrão verde onde havia sessenta milhões em cruzeiros, vinte em pacotinhos de “Tiradentes” e quarenta em pacotinhos de “Santos Dumont”:*

*— O velho tinha menos dinheiro do que eu pensava — disse alto o sobrinho.*

*E logo adiante acrescentava baixinho:*

*— Vai ver, gastava com mulher.*

*Se gastava ou não, nunca se soube. Tomou-se — isto sim — conhecimento de uma carta que estava cuidadosamente colocada dentro do cofre, sobre o dinheiro. E na carta o velho dizia: “Quero ser enterrado junto com a quantia existente nesse cofre, que é tudo o que eu possuo e que foi ganho com o suor do meu rosto, sem a ajuda de parente vagabundo nenhum”. E, por baixo, a assinatura com firma reconhecida para não haver dúvida: Irineu de Carvalho Pinto Boaventura.*

*Pra quê! Nunca se chorou tanto num velório sem se ligar pro morto. A parentada chorava às pampas, mas não apareceu ninguém com feição para desprezeitar a vontade do falecido. Estava todo mundo vigiando todo o mundo, e lá foram aquelas notas novinhas arrumadas ao lado do corpo, dentro do caixão.*

*Foi quase na hora do corpo sair. Desde o momento em que se tomou conhecimento do que a carta dizia, que Altamirando imaginava um jeito de passar o morto pra trás. Era muita sopa deixar aquele dinheiro ali pro velho gastar com minhoca. Pensou, pensou e, na hora que iam fechar o caixão, ele deu o grito de “péra aí”. Tirou os sessenta milhões de dentro do caixão, fez um cheque da mesma importância, jogou lá dentro e disse “fecha”.*

*— Se ele precisar, mais tarde desconta o cheque no banco.*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Há uma grande variedade de palavras e expressões que remetem ao campo lexical da morte (*morrer, comer capim pela raiz, passamento, pôr o bloco na rua, dar-se o evento, falecido, velório*, dentre outras), o que permite “costurar” as partes do texto, garantindo sua unidade de sentido, além de provocar o riso pelas inúmeras expressões nada eufemísticas relacionadas ao assunto (*comer capim pela raiz, pôr o bloco na rua, pisar no prego e esvaziar, levar pau e ser reprovado*, dentre outras).

O emprego de palavras pertencentes ao mesmo campo lexical (*doença/epidemia; veia/varizes*) é o que torna engraçadas estas frases de para-choques de caminhão; aqui também notamos a sobreposição de dois eixos temáticos (*mulher/enfermidade; classe social/vasos sanguíneos*):

*Quando mulher for doença, quero logo uma epidemia.*

*Rico tem veia poética; pobre tem varizes.*

(MATTOS, Amir. *500 frases de pára-choques de caminhão*. Belo Horizonte: Leitura, 2005)

Acreditamos que o estudo dos aspectos da textualidade que caracterizam o texto de humor pode fornecer subsídios para o estudo dos textos em geral, contribuindo, desta forma, para a melhoria do ensino de língua portuguesa. Compreender melhor o texto de humor, que é, por natureza, ambíguo, plurissignificativo, pois muitas vezes tira proveito do duplo sentido de palavras ou expressões, auxiliará o aluno a ler e a interpretar com mais facilidade outros textos plurissignificativos, como poemas e anúncios publicitários, por exemplo. Dentre os aspectos da textualidade, merecem nossa atenção a coesão e a coerência. É possível perceber que, às vezes, o texto de humor pode apresentar uma incoerência local, mas isso não compromete a coerência global do texto, pois a incoerência é interpretada pelo leitor/ouvinte como proposital, colaborando para o projeto de sentido do texto. A coesão, responsável por “ligar” as partes de um texto, mantendo a sua unidade de sentido, também pode desempenhar outro papel no texto de humor: a ambiguidade gerada pelos elementos coesivos e a seleção de vocábulos pertencentes ao mesmo campo lexical podem ser as responsáveis por provocar a graça de um texto.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Irlandé. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

AVIZ, Luiz. *Piadas da internet para crianças espertas*. São Paulo: Record, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FÁVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: uma introdução*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1993.

———. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

———. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1995.

MATTOS, Amir. *500 frases de pára-choques de caminhão*. Belo Horizonte: Leitura, 2005.

VALENTE, André. Intertextualidade: aspecto da textualidade e fator de coerência. **In:** HENRIQUES, Claudio Cezar & PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (orgs.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.